



MARIANA BERNARDES SILVA

**A EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL: CONTRIBUIÇÕES DO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL
DA UNESP/ARARAQUARA PARA O TRABALHO
PEDAGÓGICO**

**LAVRAS – MG
2021**

MARIANA BERNARDES SILVA

**A EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL: CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL DA UNESP/ARARAQUARA PARA O
TRABALHO PEDAGÓGICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Federal de Lavras, como
parte das exigências do Curso de Pedagogia,
para a obtenção do título de Licenciatura
Plena

Prof. Dr. Márcio Magalhães da Silva
Orientador

**LAVRAS – MG
2021**

MARIANA BERNARDES SILVA

**A EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL: CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL DA UNESP/ARARAQUARA PARA O
TRABALHO PEDAGÓGICO**

**SEXUAL EDUCATION IN BRAZIL: UNESP/ARARAQUARA GRADUATE
PROGRAM IN SEXUAL EDUCATION CONTRIBUTIONS TO PEDAGOGICAL
WORK**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Federal de Lavras, como
parte das exigências do Curso de Pedagogia,
para a obtenção do título de Licenciatura
Plena

APROVADA em XX de XX de 2021

Dr(a). XXX/Colocar a Instituição

Dr(a). XXX/Colocar a Instituição

Dr(a). XXX/Colocar a Instituição

**Prof. Dr. Márcio Magalhães da Silva
Orientador**

**LAVRAS – MG
2021**

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Lavras por me proporcionar essa experiência.

Aos docentes do curso de pedagogia da UFLA por guiarem meu aprendizado.

Ao meu orientador Prof. Dr. Márcio Magalhães da Silva pela orientação, paciência, compreensão e confiança.

À minha família e aos meus amigos que sempre me apoiaram e encorajaram nos momentos difíceis.

Ao meu filho Miguel que precisou lidar com a minha ausência para que eu pudesse me dedicar não só a esse trabalho, mas a toda minha graduação.

Muito obrigada!

“A sexualidade, enquanto possibilidade e caminho de alongamento de nós mesmos, de produção de vida e de existência, de gozo e de boniteza, exige de nós essa volta crítico-amorosa, essa busca de saber do nosso corpo. Não podemos estar sendo, autenticamente, no mundo e com o mundo, se nos fechamos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou se os tratamos, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente” (Paulo Freire)

RESUMO

O presente trabalho possui como objetivo identificar as possibilidades de estratégias e ações de intervenção para a implementação da educação sexual nos ambientes escolares brasileiros (para as/os alunas/os), tendo como referência as dissertações desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual na UNESP de Araraquara no período de 2015 até o primeiro trimestre de 2020. Foram encontradas 82 dissertações no banco de teses e dissertação do referido Programa, no período mencionado. A partir da leitura do título e palavras chave, onde podemos identificar os pontos principais de cada pesquisa, foram identificadas 54 dissertações que referendavam questões ligadas à educação sexual e intervenções em escolas. Após a leitura dos resumos e identificação dos objetivos das dissertações, 14 foram selecionadas para uma análise de conteúdo por abordarem o tema proposto neste trabalho. Foram consideradas somente as dissertações que possuem alguma prática interventiva para o ensino da educação sexual para alunas/os nas escolas. As 14 Dissertações selecionadas foram categorizadas para a análise dos dados dos trabalhos. As 04 categorias constituídas para este trabalho são: promoção de diálogos, livros, jogos e recursos didáticos confeccionados. Entre as práticas mais utilizadas para realizar a discussão do tema sexualidade com alunas/os, estão atividades que envolvem diálogos e interação entre as/os estudantes. Promover um espaço para a interação da/o aluna/o nas aulas relacionadas a educação sexual é fundamental. Fazer-lhes perguntas e ouvir suas dúvidas e opiniões acerca do tema faz com que elas/es se envolvam com o conteúdo a ser tratado. Fomentar o debate entre as/os estudantes também é uma excelente estratégia para que possam ouvir diferentes posicionamentos, e assim formarem suas próprias opiniões. Portanto, para inserir a educação sexual dentro do planejamento escolar é preciso que o/a educador/a crie oportunidades para que a/o aluna/o expresse seus sentimentos, dúvidas e angústias com relação ao tema. Apesar dos avanços e reflexões importantes que foram relatadas nas Dissertações analisadas, ainda existe muito a ser superado quando pensamos na prática da educação sexual na sala de aula. A educação sexual é ampla e, também, é uma questão de cidadania e de direitos humanos. Algumas famílias, por sua vez, temem que as/os professoras/es interfiram em seus princípios, influenciando o comportamento de crianças e adolescentes com seus valores pessoais. Este incômodo que perdura até os dias atuais quando o assunto é educação sexual é relacionado com eventos históricos que envolvem a discussão e implementação da educação sexual nas escolas brasileiras. A literatura e as pesquisas sinalizam a importância da educação sexual nas escolas, no entanto, a prática da educação sexual ainda parece escassa nestes ambientes.

Palavras – chave: Intervenção. Escolas. Educação sexual. Brasil. Dissertações.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	Objetivo	9
1.1.1	Objetivos Específicos	9
1.2	Referencial Teórico Metodológico	9
2	UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS BRASILEIRAS	11
3	A IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS	14
3.1	O processo de seleção das Dissertações	14
3.2	As Dissertações selecionadas	18
3.2.1	Promoção de diálogos	21
3.2.1.1	Oficinas	22
3.2.1.2	Roda de conversa	26
3.2.1.3	Programa de rádio	30
3.2.1.4	Projeto	30
3.2.2	Livros	32
3.2.3	Jogos	33
3.2.4	Recursos didáticos confeccionados	34
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade integra a identidade de cada ser humano e abrange aspectos biológicos, sociais, culturais, políticos, econômicos e psíquicos (MAIA; RIBEIRO, 2011). A educação sexual garante o direito de aprender sobre o corpo e sobre as relações com o outro; através dela é possível que o indivíduo possa expressar seus sentimentos, rever preconceitos e vivenciar a sexualidade com liberdade e prazer (FIGUEIRÓ, 2006).

A educação sexual também contempla uma questão de saúde pública. A falta de conhecimento sobre o tema pode resultar em: altos índices de gravidez indesejada, elevado contágio de Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST, vulnerabilidade ao lidar com sentimentos e emoções, disseminação de preconceitos, abusos sexuais, entre outros problemas. Portanto, a compreensão da sexualidade é essencial para a emancipação do ser humano e também para uma transformação social (MAIA, 2004).

Em 1997, o tema orientação sexual¹ foi oficialmente inserido no currículo das escolas brasileiras com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a proposição dos temas transversais. Então, a educação sexual passa a ser respaldada em uma perspectiva de cidadania, que busca a promoção da autonomia e considera os direitos sexuais das/os adolescentes (BRASIL, 1997a, 1997b, VIEIRA; MATSUKURA, 2017).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) é um documento que foi elaborado para ser uma referência nacional para construção dos currículos escolares, considerando a educação como uma prática para formação do cidadão. Este documento explicita que a educação sexual pode ser abordada na escola, em todo o ensino fundamental, como tema transversal de duas maneiras: dentro da programação ou como conteúdo extraprogramação. A primeira maneira faz referência ao conteúdo programado para ser inserido nas aulas. Já a segunda ocorre quando a/o educadora/educador aproveita alguma situação ocorrida para falar sobre o tema. Além destas duas formas, a partir da 5ª série, também pode ser criada uma aula específica de educação sexual (BRASIL, 1997a, 1997b). Cabe à escola decidir a melhor forma para desenvolver o tema (FIGUEIRÓ, 2006).

Nos PCN, são apresentados três eixos temáticos a serem abordados na educação sexual, sendo eles: o corpo, as relações de gênero e a prevenção de Infecções Sexualmente

¹Os termos orientação sexual e educação sexual são utilizados para denominar a intervenção que se propõe fazer nas escolas, envolvendo as/os alunas/os e suas necessidades sobre as questões sexuais.

Transmissíveis (IST). O corpo está ligado aos aspectos biológicos e psíquicos, trabalhando os órgãos, sentimentos e emoções. As relações de gênero refletem o questionamento sobre os padrões pré-estabelecidos pela sociedade para homens e mulheres, no sentido de abolir a concepção de que o sexo determina o papel que cada indivíduo exerce na sociedade. O eixo referente à prevenção das IST procura trazer informações sobre as IST, formas de contágio e prevenção, e visa o combate ao preconceito contra pessoas com infecções sexualmente transmissíveis, como o HIV, por exemplo (BRASIL, 1997a, 1997b, REIS; RIBEIRO, 2001).

A escola é um local de propagação do conhecimento, sendo, portanto, um dos espaços mais propícios para uma educação sexual intencional e sistematizada. A educação sexual não é necessária somente porque existem problemas sociais ligados à sexualidade, mas porque é papel da escola garantir a formação integral de suas/seus alunas/os. Na escola podemos perceber a manifestação da sexualidade em crianças e adolescentes. Neste sentido, oportunizar que as/os estudantes façam uma reflexão crítica sobre este tema, desenvolvendo assuntos relacionados à sexualidade, também é promover a cidadania. No entanto, o que tem ocorrido é que a escola tem reproduzido padrões e normas de comportamento existentes na sociedade, omitindo-se, negando ou reprimindo quaisquer tipos de problemas ligados à sexualidade que são enfrentados pelas/os adolescentes.

Diante desse cenário, o presente estudo apresenta os seguintes questionamentos: como a educação sexual vem sendo feita nas escolas? Existem propostas para intervenção ou ações para implementar a educação sexual nas escolas? Qual a melhor forma de inserir a discussão sobre sexualidade nas escolas? Como proporcionar às/aos estudantes os conhecimentos e as informações importantes para sua formação crítica e consciente?

Para buscar respostas a estas questões, este trabalho buscou efetuar uma pesquisa sobre como implementar a educação sexual nos ambientes escolares. A princípio, foi realizado um levantamento de dados históricos sobre a implementação da educação sexual e de conteúdos referentes à sexualidade nas escolas brasileiras ao longo dos anos, relatando os avanços e retrocessos observados nas políticas educacionais e nas práticas pedagógicas. Posteriormente, para compreender a atual situação da discussão sobre o tema, foram analisadas algumas dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da UNESP de Araraquara e foi realizada uma discussão sobre qual o melhor caminho para a inserção da educação sexual no contexto escolar.

1.1 Objetivo

O presente estudo tem como objetivo identificar as possibilidades de estratégias e ações de intervenção para a implementação da educação sexual nas escolas brasileiras, tendo como referência as dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual na UNESP de Araraquara no período de 2015 até o primeiro trimestre de 2020.

1.1.1 Objetivos Específicos

A sexualidade é um conceito amplo e histórico (MAIA; RIBEIRO, 2011). Portanto, para proporcionar uma melhor compreensão do tema, o presente estudo possui os seguintes objetivos específicos:

- Realizar uma breve contextualização sobre a implementação da educação sexual nas escolas brasileiras, relatando os avanços e retrocessos observados nas políticas educacionais e nas práticas pedagógicas;
- Identificar, no banco de dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da UNESP de Araraquara, estratégias utilizadas ou recomendadas para implementar a educação sexual nas escolas.

1.2 Referencial Teórico Metodológico

Inicialmente foi realizada uma pesquisa de caráter bibliográfico com o objetivo de se elaborar uma linha do tempo com as iniciativas de implementação de programas de educação sexual nas escolas brasileiras. Segundo Soares (2009 *apud* SALLA, 2020) os estudos de caráter bibliográfico têm como objetivo inventariar e sistematizar a produção em determinada área do conhecimento. Estes estudos são de grande importância, pois podem conduzir à plena compreensão do estado atingido pelo conhecimento a respeito de determinado tema (sua amplitude, tendências teóricas e vertentes metodológicas). Neste momento do trabalho, pretende-se relatar os avanços e retrocessos observados nas políticas educacionais e nas práticas pedagógicas em educação sexual.

No segundo momento, a pesquisa realizada foi de caráter qualitativo. Foram analisadas algumas dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da

UNESP de Araraquara no período de 2015 até março de 2020, para identificar possibilidades de estratégias e ações de intervenção para a discussão do tema com as/os alunas/os nas escolas brasileiras. O referido Programa de Pós-Graduação foi escolhido por ser o primeiro da área no Brasil. Por este motivo, considerou-se que esse Programa poderia ter produções relevantes sobre o tema investigado.

Conforme Petrenas (2015), analisar e sistematizar a produção acadêmica sobre o tema é bastante significativo para que demais pesquisadoras/es possam aprofundar estudos e investigações subsequentes, subsidiando de maneira mais significativa o conhecimento científico. Neste sentido, as dissertações que foram analisadas estão localizadas no banco de teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da UNESP de Araraquara, que podem ser acessadas no endereço <http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_sexual/teses_e_dissertacoes>. Na análise qualitativa destas dissertações, optou-se por usar a análise de conteúdo de natureza descritiva.

Para identificar as dissertações que abordam alguma prática interventiva de educação sexual nas escolas brasileiras, foi realizada uma investigação em todas as dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da UNESP de Araraquara, no período de 2015 até março de 2020 (totalizando 82 dissertações), considerando o título do trabalho e as palavras-chave. Realizou-se uma pré-seleção contendo 54 dissertações e, posteriormente, foi realizada uma leitura de seus respectivos resumos para a identificação dos objetivos dos trabalhos. Foram então selecionadas 14 dissertações, as quais foram lidas integralmente, categorizadas, descritas e analisadas.

2 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

No Brasil, a educação sexual ocorre nas escolas pelo menos desde 1928. Na época, a prática da educação sexual foi influenciada pelas correntes médicas e higienistas europeias, e por isto tinham como objetivos: o combate à masturbação, a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST) e a imposição do comportamento moral e do papel social da mulher, de mãe e esposa (MAIA, 2004). Nessa época, prevaleciam discursos repressivos, ancorados nos pressupostos da moral religiosa e reforçados pelo caráter higienista das estratégias de saúde pública (SFAIR; BITTAR; LOPES, 2015), que perduraram até a década de 1950.

Vale ressaltar que com a chegada da Sexologia ao país como campo oficial do saber médico, foram publicados dezenas de livros entre as décadas de 1920 e 1940, inclusive sobre educação sexual (SFAIR; BITTAR; LOPES, 2015). Ao falar de sexo, ao ouvir sobre sexo, ao ler sobre sexo, a parcela intelectual ou instruída da sociedade brasileira se abriu para a educação sexual (RIBEIRO; MONTEIRO, 2019). Além disso, a década de 1960 foi protagonizada por movimentos sociais como as lutas feministas, os movimentos de gays e lésbicas e as reivindicações étnico-raciais. Nessa época, o tema educação sexual conseguiu uma abordagem mais sistemática no discurso pedagógico e as críticas sociológicas sobre os sistemas educacionais começavam a ser formuladas e aplicadas em escolas experimentais nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte (SFAIR; BITTAR; LOPES, 2015; CÉSAR, 2019).

Com o golpe militar em 1964, essas iniciativas de implementação da educação sexual nas escolas brasileiras foram silenciadas. Com a alegação de imoralidade, irresponsabilidade e inutilidade, as práticas pedagógicas que abordavam a temática sexo/sexualidade perderam espaço e boa parte delas foi suspensa (MAIA, 2004; SFAIR; BITTAR; LOPES, 2015).

No entanto, durante a ditadura militar também surgiram diversas iniciativas de resistência por parte da população. Nessa época, a educação sexual e os debates sobre gênero ou feminismo apareceram como parte de um projeto de escola e educação que se instaurou nas bases de lutas pela redemocratização do país (CÉSAR, 2009). Devido às reivindicações dos movimentos feministas, a liberação dos costumes difundida pelos meios de comunicação (principalmente a TV) e a ideia de que a educação sexual poderia ajudar a controlar o

crescimento demográfico, os conteúdos ligados à sexualidade voltaram a surgir nas escolas (MAIA, 2004).

Nesse contexto, ao final da década de 1970, o Conselho Federal de Educação aprovou a implantação da educação sexual como conteúdo curricular nas escolas de 1º e 2º graus (atuais Ensino Fundamental e Médio, respectivamente), na disciplina denominada Programa de Saúde (SFAIR; BITTAR; LOPES, 2015). Dessa forma, questões trazidas pelo movimento feminista, como a luta contra o patriarcado e a hierarquia de gênero, acabaram desaparecendo, e o campo mais específico da saúde foi ganhando espaço na educação sexual (CÉSAR, 2009). Então, nessa época, o enfoque da educação sexual era nos aspectos anatômicos, centrado nas questões biológicas e médicas, sem abordar comportamentos e valores (ALMEIDA, 2009 *apud* SFAIR; BITTAR; LOPES, 2015).

A década de 1980 foi marcada por grandes mudanças no comportamento sexual das pessoas. A sociedade se tornava mais liberal em relação ao ato sexual e ocorreu o aumento dos índices de gravidez indesejada, além de uma onda de IST, dentre elas o HIV. Então, houve a necessidade de se trabalhar educação sexual nas escolas com o objetivo de se promover a saúde pública (REIS; RIBEIRO, 2001). Aqui, as discussões sobre a sexualidade começaram a se tornar mais frequentes. O assunto ganhou espaço entre pesquisadoras/es do meio acadêmico, educadoras/es, cientistas sociais e médicas/os. Mas levar a educação sexual para a escola continuava sendo um desafio. A resistência da população ao debate, a falta de recursos financeiros, pouca credibilidade e incentivo às propostas, dúvidas sobre como implementar os projetos, medo de intervir nos valores familiares, entre outras dificuldades, permeavam o meio da educação (MAIA, 2004).

Em 1997, a inserção da “orientação sexual” no currículo das escolas brasileiras foi assegurada oficialmente pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), com a finalidade de contribuir para o conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos, prevenção do abuso sexual e da gravidez indesejada. Este tema foi inserido em sua proposta de “temas transversais”, juntamente com ética, meio ambiente, saúde, diversidade cultural, trabalho e consumo (BRASIL, 1997a; 1997b). É nesse documento que os temas gênero e sexualidade foram mais inseridos no contexto escolar.

Os PCN destacam que a educação sexual na escola não substitui ou concorre com aquela que a família fornece, apenas a complementa, trazendo informações mais completas e proporcionando uma discussão entre diferentes pontos de vista, possibilitando que a/o aluna/o

construa seu próprio entendimento a respeito do tema, sem a imposição de determinados valores (BRASIL, 1997a, 1997b). Algumas famílias, por sua vez, temem que as/os professoras/es interfiram em seus princípios, influenciando o comportamento de crianças e adolescentes com seus valores pessoais. No entanto, é papel da escola proporcionar às/aos estudantes o acesso à informação, criando assim, oportunidades de reflexão para que os mesmos pensem e formem suas próprias opiniões (REIS; RIBEIRO, 2001; FIGUEIRÓ, 2006).

A partir de 2001, o Plano Nacional de Educação (PNE) passa a determinar diretrizes, metas e estratégias para a política educacional brasileira. No PNE que vigorou até 2010, assim como no projeto de PNE 2011 – 2020, os temas sobre sexualidade estavam contemplados. No entanto, no atual PNE 2014 – 2024 foi suprimido qualquer menção a termos como gênero, orientação sexual e diversidade sexual (BARBOSA; VIÇOSA; FOLMER, 2019).

Este fato, referente a supressão do tema educação sexual no PNE 2014 – 2024, pode ser compreendido quando lembramos que desde 2004, no campo político, com o surgimento do movimento “Escola sem Partido”, alguns projetos de lei tramitaram ou tramitam no Congresso Nacional e casas legislativas objetivando impedir uma suposta doutrinação política e ideológica de alunas/aos por parte de professoras/es nas escolas. Dentre as solicitações desses projetos, está a exclusão dos termos orientação sexual e gênero do PNE (FURLANETTO et al., 2018). Além disto, a partir de 2015 no Brasil, podemos perceber uma onda de conservadorismo que vai contra atitudes, manifestações e discursos considerados contrários aos princípios ditos cristãos. Nesse contexto, em 2018, é eleito um presidente da República de extrema-direita, negacionista e afinado com o fundamentalismo cristão. Como resultado, desde janeiro de 2019 as ações políticas do governo passam pelo crivo de uma nova moral que pauta as decisões a partir de princípios religiosos (RIBEIRO; MONTEIRO, 2019).

Apesar dos recentes acontecimentos supracitados, nos dias de hoje as iniciativas para implementar a educação sexual nas instituições escolares são mais frequentes. É comum encontrar nessas iniciativas todos os tipos de modelos educativos que surgiram ao longo da história, mas até os dias atuais ainda prevalece o modelo médico-higienista, que procura voltar a atenção das/os adolescentes para os “perigos” do sexo. Essas iniciativas reduzem a sexualidade ao seu aspecto biológico, ignorando todos os outros âmbitos que deveriam ser trabalhados e desprezando toda a produção acumulada ao longo dos anos sobre o tema (MAIA, 2004).

3 A IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS

A abordagem sobre sexualidade deve ser feita de forma emancipatória, dando condições às/aos estudantes para refletirem e construírem uma visão crítica sobre o assunto (MAIA; RIBEIRO, 2011). Salienta-se que a escola tem por objetivo não somente trazer informações às/aos estudantes, mas proporcionar-lhes oportunidades para que construam seu conhecimento e se formem como cidadãos/ãs. O que se espera das instituições escolares é que elas possam contribuir para que suas/seus alunas/os tenham uma formação integral. Nesse sentido, a intenção de se oferecer educação sexual nas escolas é oportunizar uma experiência que vá além da troca de informações, buscando a emancipação de cada estudante. Porém, na prática, como a educação sexual vem sendo realizada nas escolas? Existem propostas de intervenções ou ações para implementar a educação sexual nas escolas? Tais perguntas orientaram o processo de seleção das dissertações defendidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da UNESP de Araraquara, que será apresentado a seguir.

3.1 O processo de seleção das Dissertações

Estavam disponíveis 82 dissertações na página do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da UNESP de Araraquara, defendidas e publicadas no período de 2015 até março de 2020. A partir da leitura do título e das palavras-chave de cada dissertação foram identificadas 54 dissertações que abordavam questões ligadas à educação sexual e intervenções em escolas. Destas 54, 2 foram prontamente descartadas por não terem o texto completo disponibilizado. Após a leitura dos resumos e identificação dos objetivos das 52 dissertações, 14 foram selecionadas para uma análise de conteúdo por abordarem o tema proposto neste trabalho. Foram consideradas somente as dissertações que possuem alguma prática de educação sexual, conforme evidenciado na Tabela 1.

Tabela 1. Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da UNESP de Araraquara que se referem a alguma prática de educação sexual

ANO	TÍTULO	AUTOR/A	OBJETIVO IDENTIFICADO NA DISSERTAÇÃO	TIPO DE INTERVENÇÃO ANALISADA OU PROPOSTA PARA AS/OS ALUNAS/OS	PARTICIPANTES
2015	Compreendendo a sexualidade infantil nas relações de gênero: o lúdico como estratégia educativa	Daniela Arroyo Fávero Moreira	Compreender a sexualidade infantil nas relações de gênero, por meio das representações dos familiares, da professora e atividades lúdicas desenvolvidas junto às crianças de uma sala do 1º ano do Ensino Fundamental	01 livro Tom e Mel; 01 jogo Charadinhas sobre o Corpo Humano; Caixa de Curiosidades	Alunas/os do 1º ano do Ensino Fundamental (com idade entre 06 e 07 anos) de uma escola pública estadual
2015	Sexualidade e adolescência: rodas de conversa e vivência em uma escola de ensino fundamental	Débora Brandão Bertolini	Investigar junto a um grupo de adolescentes na faixa etária de 11 a 13 anos, como se manifestam a respeito de sua própria sexualidade e como a vivenciam	10 rodas de conversas, sendo estas um espaço para diálogos, debates, troca de informações e aquisição de novos conhecimentos acerca da temática sexualidade	Alunas/os do 7º ano do Ensino Fundamental (com idade de 11 a 13 anos) de uma escola pública
2015	Sexualidade e Deficiências: dando vozes aos adolescentes através de oficinas pedagógicas	Franciely Paliarin	Investigar junto a um grupo de alunas/os com deficiência intelectual de uma instituição especial de que forma percebem e vivenciam sua sexualidade	07 oficinas pedagógicas, com duração média de uma hora e meia, quinzenalmente	12 jovens e adultas/os com deficiência intelectual, entre 14 e 26 anos de uma instituição de educação especial (APAE) de um município do Paraná
2015	O jogo pedagógico como instrumento para educação sexual de facilitadores e estudantes jovens: análise do material “Em Seu Lugar”	Anne Kariny Lemos Rocha	Descrever e analisar um jogo destinado a formadores e estudantes adolescentes que trata do tema sexualidade	Jogo: “Em seu lugar – Um jogo para profissionais que trabalham com adolescentes e jovens” foi distribuído em 2013 pelo governo estadual nas escolas públicas de São Paulo	Adolescentes e jovens

2016	EDUCAÇÃO SEXUAL E COMUNICAÇÃO: O RÁDIO COMO ALTERNATIVA PEDAGÓGICA NAS ESCOLAS A PARTIR DE UMA INTERVENÇÃO	Aline Santana Castelo Branco	Propor um projeto de intervenção com criação de um programa de rádio na escola sobre sexualidade com finalidade pedagógica e com o objetivo de estimular a produção de material alternativo para as/os alunas/os	Programa de rádio feito pelas/os próprias/os alunas/os, com a supervisão da pesquisadora	Adolescentes do Ensino Fundamental e Médio, de uma escola estadual, interior de São Paulo
2017	Análise do jogo "Trilha da proteção" como auxiliar na diminuição da vulnerabilidade para a violência sexual infantil	Fabricio Meyer	Avaliar se o jogo "Trilha da Proteção" pode ser considerado um objeto de aprendizagem para crianças no ensino fundamental (de 6-12 anos) na temática da violência sexual contra a infância de acordo com a metodologia Learning Object Review Instrument 1.5 (LORI)	Jogo "Trilha da Proteção"	Alunas/os do Ensino Fundamental de 6 a 12 anos
2017	LIVRO "O QUE É PRIVACIDADE?": uma ferramenta de prevenção da violência sexual para crianças	Caroline Arcari Meyer	Apresentar a trajetória e fundamentação teórica da criação de um recurso educativo para a promoção do diálogo com crianças de 3 a 8 anos, como estratégia de enfrentamento da violência sexual: o livro "O que é privacidade?". Sintetiza o estudo da educação sexual e suas contribuições no enfrentamento da violência sexual contra crianças	Livro "O que é privacidade?"	Crianças entre 3 e 8 anos
2018	Estratégia para a aprendizagem da diversidade de arranjos familiares na infância	Sylvia Regina de Oliveira Rodrigues	Elaborar uma proposta pedagógica de material lúdico para o desenvolvimento de ações educativas com crianças e adultos sobre os arranjos familiares	Confeccionou e explicou materiais didáticos	Alunas/os da Educação Infantil
2018	Escola e transfobia: vivências de pessoas transexuais	Sylvia Maria Godoy Amorim	Elaborar um jogo que possa ser utilizado para se trabalhar o respeito à diversidade sexual e de gênero junto a alunos e equipes educativas	Protótipo de um jogo	Alunas/os do Ensino Fundamental e Médio

2018	"Não deficientize minha sexualidade": repensando a sexualidade de pessoas com deficiência intelectual por meio de oficinas pedagógicas	Denise Maria Nepomuceno Schiavon	Analisar as representações gráficas e as falas das pessoas com deficiência intelectual (pDI), por meio das oficinas pedagógicas abordando o tema da sexualidade	03 oficinas	Jovens entre 15 e 31 anos, com deficiência intelectual, de uma instituição especial, interior de São Paulo
2018	SEXUALIDADE E DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: proposta de criação de material didático-pedagógico para intervenção escolar no município de Araraquara – São Paulo – Brasil	Karin Elizabeth Kruger	Levantar dados sobre os conhecimentos e as ações adotadas por educadores sobre o tema Sexualidade, com atenção aos alunos que possuem algum tipo de Deficiência Intelectual, regularmente matriculados em Escola Pública da cidade de Araraquara, SP – Brasil. Além disso, propõe-se a criar material didático pedagógico: uma apostila e um jogo didático	Apostila e jogo didático	Alunas/os do Ensino Fundamental com deficiência intelectual em uma escola pública, interior de São Paulo
2018	SEXUALIDADE E IDENTIDADE FEMININA EM “IRACEMA” DE JOSÉ DE ALENCAR: da literatura romântica de vestibular à visão crítica dos vestibulandos	Nelma Eugenia Svizzero	Analisar discursivamente a obra literária Iracema de José de Alencar, identificando a presença de aspectos relativos à sexualidade, ao erotismo e à identidade feminina, para que sirvam de subsídio para o trabalho com a Educação Sexual dentro do Ensino Médio e Técnico	Livro	Alunas/os do Ensino Médio e Técnico
2018	A HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DO PAPO JOVEM: Um projeto de educação sexual integrado ao currículo de uma escola de ensino fundamental e médio	Rita Cássia Pereira Bueno	Conhecer como ocorreu a institucionalização da Educação Sexual em uma escola da rede privada de ensino na cidade de Jaguariúna-SP a partir da trajetória histórica do Projeto Papo Jovem, desenvolvido pela autora e pesquisadora do presente estudo	Papo Jovem - um espaço para debates; com diversas atividades	Alunas/os do 5º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio de uma escola particular, interior de São Paulo

2020	OFICINAS PEDAGÓGICAS: Um instrumento de expressão da sexualidade de jovens com Síndrome de Down	Mirian Sinhorelli	Investigar e analisar as expressões e entendimentos de jovens com Síndrome de Down a respeito de afeto da sexualidade	Oficinas	04 jovens com Síndrome de Down, entre 18 e 22 anos, do Centro de Atendimento Especializado Exclusivo, interior de São Paulo
------	---	-------------------	---	----------	---

3.2 As dissertações selecionadas

As 14 dissertações selecionadas possuem referência a alguma prática interventiva de educação sexual. Tais dissertações foram agrupadas nas categorias (1) *promoção de diálogos*, (2) *trabalhos com livros*, (3) *trabalhos com jogos* e (4) *recursos didáticos confeccionados*.

Conforme apresentado na Tabela 2, das 14 dissertações analisadas, 6 estão na categoria identificada como *promoção de diálogos*, que são trabalhos que apresentam atividades com as/os estudantes cujo objetivo era proporcionar um espaço para debates em educação sexual, nos quais a/o estudante pudesse participar ativamente da construção do seu conhecimento. A seguinte categoria que englobou maior quantidade de trabalhos foi a de *recursos didáticos confeccionados*, com 4 dissertações que propõem a utilização de materiais diversos para o ensino sobre sexualidade. Por fim, duas categorias (*trabalhos com livros* e *trabalhos com jogos*) possuem 2 trabalhos cada, que propuseram importantes discussões com o uso de livros ou jogos nas escolas.

Tabela 2. Categorias e subcategorias identificadas nas 14 dissertações analisadas no presente estudo

CATEGORIA	ANO	TÍTULO	AUTOR/A	SUBCATEGORIA
PROMOÇÃO DE DIÁLOGOS	2015	Sexualidade e Deficiências: dando vozes aos adolescentes através de oficinas pedagógicas	Franciely Paliarin	OFICINA

PROMOÇÃO DE DIÁLOGOS	2018	"Não deficientize minha sexualidade": repensando a sexualidade de pessoas com deficiência intelectual por meio de oficinas pedagógicas	Denise Maria Nepomuceno Schiavon	OFICINA
PROMOÇÃO DE DIÁLOGOS	2020	OFICINAS PEDAGÓGICAS: Um instrumento de expressão da sexualidade de jovens com Síndrome de Down	Mirian Sinhorelli	OFICINA
PROMOÇÃO DE DIÁLOGOS	2015	Sexualidade e adolescência: rodas de conversa e vivência em uma escola de ensino fundamental	Débora Brandão Bertolini	RODA DE CONVERSA
PROMOÇÃO DE DIÁLOGOS	2016	EDUCAÇÃO SEXUAL E COMUNICAÇÃO: O RÁDIO COMO ALTERNATIVA PEDAGÓGICA NAS ESCOLAS A PARTIR DE UMA INTERVENÇÃO	Aline Santana Castelo Branco	PROGRAMA DE RÁDIO
PROMOÇÃO DE DIÁLOGOS	2018	A HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DO PAPO JOVEM: Um projeto de educação sexual integrado ao currículo de uma escola de ensino fundamental e médio	Rita Cássia Pereira Bueno	PROJETO
LIVROS	2017	LIVRO "O QUE É PRIVACIDADE?": uma ferramenta de prevenção da violência sexual para crianças	Caroline Arcari Meyer	-

LIVROS	2018	SEXUALIDADE E IDENTIDADE FEMININA EM "IRACEMA" DE JOSÉ DE ALENCAR: da literatura romântica de vestibular à visão crítica dos vestibulandos	Nelma Eugenia Svizzero	-
JOGOS	2015	O jogo pedagógico como instrumento para educação sexual de facilitadores e estudantes jovens: análise do material "Em Seu Lugar"	Anne Kariny Lemos Rocha	-
JOGOS	2017	Análise do jogo "Trilha da proteção" como auxiliar na diminuição da vulnerabilidade para a violência sexual infantil	Fabricio Meyer	-
RECURSOS DIDÁTICOS CONFECCIONADOS	2015	Compreendendo a sexualidade infantil nas relações de gênero: o lúdico como estratégia educativa	Daniela Arroyo Fávero Moreira	-
RECURSOS DIDÁTICOS CONFECCIONADOS	2018	Estratégia para a aprendizagem da diversidade de arranjos familiares na infância	Sylvia Regina de Oliveira Rodrigues	-
RECURSOS DIDÁTICOS CONFECCIONADOS	2018	Escola e transfobia: vivências de pessoas transexuais	Sylvia Maria Godoy Amorim	-

RECURSOS DIDÁTICOS CONFECCIONADOS	2018	SEXUALIDADE E DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: proposta de criação de material didático-pedagógico para intervenção escolar no município de Araraquara – São Paulo – Brasil	Karin Elizabeth Kruger	-
-----------------------------------	------	---	------------------------	---

3.2.1 Promoção de diálogos

A categoria *promoção de diálogos* agrupa dissertações que promovem diversas atividades realizadas com estudantes que visavam proporcionar um espaço para debates em educação sexual em que a/o estudante pudesse participar ativamente da construção do seu conhecimento. Conforme explicitado na Tabela 2, nesta categoria foram identificadas as seguintes subcategorias:

- *oficinas*: trabalhos que promovam oficinas com os estudantes para dialogar sobre sexualidade;
- *roda de conversa*: pesquisas que tiveram como proposta uma roda de conversa com estudantes para perceber como se manifestam a respeito de sua própria sexualidade e como a vivenciam;
- *programa de rádio*: é referente a trabalhos que propõem um projeto de intervenção com a criação de um programa de rádio na escola sobre sexualidade, feito pelas/os próprias/os alunas/os;
- *projeto*: propõem atividades às/aos alunas/os para promover um espaço de aprendizado e discussão sobre as diversas dimensões da sexualidade humana dentro de um contexto lúdico, pedagógico e emancipatório e está inserido na grade curricular e no Projeto Político Pedagógico.

3.2.1.1 Oficinas

No presente estudo, as 3 dissertações que trabalham educação sexual usando a *promoção de diálogos* com proposta de oficinas foram direcionadas às/aos alunas/os que apresentaram alguma deficiência intelectual.

Paliarin (2015) realizou 06 oficinas (Tabela 3) com 12 alunas/os com deficiência intelectual, de idade entre 14 e 26 anos, de uma instituição de educação especial (APAE) de um município do norte do Paraná. Houve uma divisão de dois grupos de alunas/os envolvidas/os para as discussões propostas (oficinas), por causa da diferença de idade e do grau de comprometimento intelectual das/os estudantes. Cada oficina durou aproximadamente duas horas, focalizando de forma lúdica conceitos como sexualidade, preconceitos, aparelhos reprodutores, métodos contraceptivos, entre outros, com a finalidade de investigar de que forma percebem e vivenciam sua sexualidade (PALIARIN, 2015).

Tabela 3. Oficinas de educação sexual realizadas por Paliarin (2015) com estudantes que possuem deficiência intelectual

	Assunto abordado	Objetivo
Oficina 1	Se conhecer e conhecer o outro	Que as/os alunas/os falassem um pouco mais de si, conhecessem os colegas e que fosse criado um ambiente mais íntimo, mais próximo, para que se sentissem mais à vontade no decorrer dos encontros
Oficina 2	Puberdade e Adolescência	Explicações (através de questionamentos) para o entendimento das/os alunas/os sobre o tema puberdade e adolescência
Oficina 3	Sistemas Reprodutores	Explicação das principais estruturas internas e externas e as funções dos aparelhos reprodutores, feminino e masculino. As/os alunas/os deveriam

		confeccionar um modelo dos aparelhos reprodutores feminino e masculino com uma massa de modelar
Oficina 4	Sexo e sexualidade	Expor abertamente sobre o que é o sexo e outras questões envolvidas dentro da temática sexualidade
Oficina 5	Métodos contraceptivos	Explicar a função dos principais métodos contraceptivos e a importância do seu uso para a prevenção de doenças e para evitar a gravidez precoce
Oficina 6	Gravidez e gestação; <i>bullying</i> e exclusão.	Duas dinâmicas sobre os assuntos: a primeira se tratava de uma conscientização quanto a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis e a segunda foi sobre a exclusão e o <i>bullying</i>

Paliarin (2015) acredita que a intervenção pedagógica apresentada (as oficinas) oportunizou às/aos adolescentes em situação de deficiência intelectual a experiência de vivenciar um processo de autodescoberta. As/os adolescentes demonstraram interesse participando das atividades e explanando suas dúvidas, curiosidades, anseios, e em diversos momentos mostraram-se sensibilizadas/os diante das discussões. Foi observado um preconceito implícito: a visão da mulher como objeto e a falta de conhecimentos básicos sobre seu próprio corpo e desenvolvimento. Neste sentido a autora concluiu que as oficinas são uma proposta produtiva para sensibilizar alunas/os com deficiência intelectual acerca de assuntos ligados à educação sexual, pois elas possibilitam a aprendizagem compartilhada, por meio de atividades grupais, em que se podem reconstruir individual e coletivamente comportamentos, identidades e valores (PALIARIN, 2015).

Schiavon (2018), analisou as representações gráficas e as falas das pessoas com deficiência intelectual, por meio das oficinas pedagógicas abordando o tema da sexualidade. Participaram desta pesquisa 6 jovens entre 15 e 31 anos, com o diagnóstico de deficiência intelectual, matriculados em uma instituição especial de uma cidade do interior de São Paulo. Foram realizadas 3 oficinas com o grupo (Tabela 4), solicitando às/aos participantes que relatassem e desenhassem seu entendimento sobre o vídeo *Minha Vida de João*. Nas três oficinas houve debates sobre a compreensão do filme, pois entende-se que a pessoa com deficiência intelectual necessita de um método de ensino diferenciado, em que a repetição do tema auxilia na sua fixação.

Tabela 4. Oficinas que abordam o tema sexualidade realizadas por Schiavon (2018) com estudantes que possuem alguma deficiência intelectual

Tema da oficina	Dinâmica	Materiais utilizados	Objetivo da oficina
Minha vida de João	Filme e Diálogo	Apresentação do vídeo; gravador de áudio	Abordar a compreensão do filme
Compreensão dos alunos sobre o tema	Filme, Desenho e Diálogo	Papel A4; Lápis de cor; gravador de áudio	Discussão sobre os desenhos
Feedback dos participantes	Diálogo	Gravador de áudio e diário de campo	Abordar os temas em sexualidade

Fonte: Schiavon (2018).

Nesta pesquisa a autora conclui que o trabalho atingiu seus objetivos, dando voz aos deficientes sobre a temática da sexualidade e colaborando para a desconstruir a concepção de que o deficiente intelectual é assexuado. Ainda, ela ressalta que a maior dificuldade do trabalho

está relacionada ao preconceito, ao estigma por cortesia de quem quer investigar temas que para muitas pessoas são proibidos e devem permanecer escondidos (SCHIAVON, 2018).

Sinhorelli (2020) teve como objetivo investigar e analisar as expressões e entendimentos de jovens com síndrome de Down a respeito de afeto da sexualidade. Para isto foram realizadas 3 oficinas (Tabela 5), com 4 jovens que apresentavam síndrome de Down entre 18 e 22 anos. Os participantes frequentam o Centro de Atendimento Especializado Exclusivo, no interior de São Paulo. Além da discussão, recorreu-se à confecção de desenhos e imagens com temas cotidianos, contemplando aspectos decorrentes da expressão não-verbal (SINHORELLI, 2020).

Tabela 5. Oficinas realizadas por Sinhorelli (2020) para investigar e analisar as expressões e entendimentos de jovens com síndrome de Down a respeito de afeto da sexualidade

Oficina	Tema	Objetivo	Dinâmica
1	Apresentação e integração; Você se acha bonito?; O que mais gosta em você?	Gerar harmonia no grupo; Abordar a compreensão dos participantes em relação à autoimagem	Dinâmica de comunicação; Desenho e Diálogo
2	Compreensão sobre afeto; Quem é a/o amiga/o; O que gosta na/o amiga/o	Compreender as formas de relações de afeto das/os participantes	Verificar quais conhecimentos as/os participantes possuem em relação a sua estrutura física e gênero
3	Expressão de como é meu corpo? Feedback dos participantes	Verificar quais conhecimentos as/os participantes possuem em relação à sua estrutura física e gênero	Dinâmica de comunicação; Diálogo e Desenho

Fonte: Sinhorelli (2020).

A autora concluiu que a limitação cognitiva, quando leve ou moderada, não impede a inserção de programas referentes à educação sexual no currículo e demonstra necessidade de priorizar esse conteúdo, entendendo que a sexualidade é dimensão presente durante todo desenvolvimento humano, independente da condição cognitiva que a pessoa apresente. Destaca-se a importância de discussões que considerem a inclusão escolar de modo a favorecer a adequação de condutas relacionadas ao afeto e à sexualidade das pessoas com deficiência (SINHORELLI, 2020).

3.2.1.2 Roda de conversa

Bertolini (2015) realizou 10 rodas de conversa com 20 estudantes de ambos os sexos, do 7º ano do Ensino Fundamental (11 a 13 anos) de uma escola pública do interior de São Paulo. Os assuntos abordados em cada roda de conversa estão descritos na Tabela 6. A autora teve como objetivo investigar junto a este grupo de adolescentes como se manifestam a respeito de sua própria sexualidade e como a vivenciam (BERTOLINI, 2015).

Tabela 6. Rodas de conversa com o tema educação sexual com estudantes do ensino fundamental (11 a 13 anos) realizadas por Bertolini (2015)

Nome da atividade	Objetivo da atividade	Atividades desenvolvidas
Roda de conversa 1: Contato inicial	Apresentação da pesquisadora e dos participantes; facilitação no entrosamento entre os presentes; escrita de algumas questões individuais: “O que é ser	Questionário escrito

	adolescente? Quais são os sonhos? Como me vejo? Como sou visto?"	
Roda de conversa 2: Ser homem e/ou ser mulher	Levantar os dados sobre os conceitos do que é ser homem ou estar categorizado como sendo membro da categoria masculina e o que é ser mulher ou estar na categoria feminina, na visão destas/es jovens	Citou-se a existência de fronteiras e nuances entre os sexos binários; foram divididos em 3 grupos, foi solicitado aos participantes a elaboração de frases sobre o que é ser homem e o que é ser mulher e também a realização de um desenho com figuras que representassem tanto um sexo quanto o outro
Roda de conversa 3: Sistemas Reprodutores	Abordar os sistemas reprodutores e órgãos sexuais tanto masculinos quanto femininos através de aulas expositivas, com uma visão holística e não apenas biologicista	Foram utilizados recursos audiovisuais, esqueleto humano, bonecos de pano, desenhos em slides que demonstrassem os órgãos internos e externos (em maiores detalhes) e também houve a visualização de desenhos didáticos que demonstrassem a realização de transgenitalização ou cirurgia de redesignação sexual
Roda de conversa 4: Sexualidade e Família	Introdução do termo Sexualidade	Com auxílio audiovisual, os jovens tiveram uma breve introdução sobre sexualidade. Foram abordados conceitos como: família, sexo e gênero, homossexuais, heterossexuais, bissexuais, transexuais,

		transgêneros e travestis, transfobia e homofobia
Roda de conversa 5: Sexo, gênero e atração sexual	Desmitificação dos conceitos e preconceitos envolvendo sexo e gênero	Através de recursos audiovisuais, avaliou-se o despertar da atração sexual nestas/es jovens participantes com apresentação de imagens de homens e de mulheres, comentadas pelas/os jovens em relação ao desejo pelas imagens compartilhadas
Roda de conversa 6: Puberdade e Adolescência	Trabalhar a puberdade e as mudanças vindas desta época bem como da adolescência e onde estes jovens estão inseridos	A pesquisadora reforçou a beleza dos seres humanos e a possibilidade de ser moldável, trabalhou o conceito de que o que é belo se modifica culturalmente, além de reforçar a importância em adquirir hábitos alimentares saudáveis associado à necessidade de uma prática esportiva. Durante a exposição do conteúdo, obtiveram conhecimentos sobre conceitos biológicos a respeito de espermatozoides, óvulos e concepção; bem como que durante a gestação na adolescência há um preparo hormonal do corpo
Roda de conversa 7: Relações sexuais e mídias	Discutir as exposições de corpos e informações da mídia que as/os adolescentes tem acesso, além de	Foi uma roda de conversa com apresentação e discussão do tema (acesso à mídia)

	alertar as/os jovens quanto a encontros marcados virtualmente	
Roda de conversa 8: Saúde Sexual e Métodos Contraceptivos	Apresentação de métodos contraceptivos	Realizou-se uma dinâmica em que todos participaram da colocação correta dos preservativos masculino e feminino em pênis e vagina de silicone
Roda de conversa 9: Infecções sexualmente transmissíveis	Apresentar as IST e como preveni-las	Foi apresentada a teoria e exibição de fotos e vídeos para exemplificações de algumas patologias
Roda de conversa 10: Aula final	Verificar o grau de conhecimento dos alunos em relação à temática e para avaliar o quanto as rodas de conversa acrescentaram a este conhecimento acerca de sua própria sexualidade, o que pensam e como lidam com essa sexualidade	Momento avaliativo (as mesmas questões realizadas na primeira roda com a finalidade de comparação) e uma confraternização

Fonte: Bertolini (2015).

Bertolini (2015) concluiu que foi possível verificar elementos que pontuassem que vivências de educação sexual em ambiente escolar se fazem necessárias para que jovens adolescentes vivenciem sua própria sexualidade de maneira segura, emancipatória, saudável e com uma visão prazerosa, sem culpa e com total responsabilidade, auxiliando desta forma, o processo de transição da infância para a vida adulta de uma maneira mais harmoniosa. As atividades de roda de conversa proporcionaram um espaço para diálogos, debates, troca de informações e aquisição de

novos conhecimentos acerca da temática sexualidade, possibilitando às/aos 20 jovens participantes que refletissem suas próprias atitudes e comportamentos sexuais através de vivências envolvendo aulas de educação sexual (BERTOLINI, 2015).

3.2.1.3 Programa de rádio

Branco (2016) propôs um projeto de intervenção com a criação de um programa de rádio na escola sobre sexualidade, feito pelas/os próprias/os alunas/os, com a supervisão da pesquisadora. A referida intervenção foi realizada com duas turmas de estudantes, sendo uma de 8º série do ensino fundamental com 45 alunas/os (entre 12 e 14 anos) e a outra do 1º ano do ensino médio com 45 alunas/os (entre 15 e 17 anos). O objetivo foi investigar se existe uma pré-disponibilidade das/os adolescentes em promover a educação sexual por meio de uma extraprogramação pedagógica realizada dentro do ambiente escolar. O trabalho se dividiu em três momentos distintos (Tabela 7): (1) observação participante; (2) levantamento do universo temático; (3) intervenção educativa (BRANCO, 2016).

Tabela 7. Etapas e objetivos da pesquisa de Branco (2016)

Etapas da pesquisa	Objetivos da etapa
(1) Observação participante	Conhecer melhor o local pesquisado e as/os participantes
(2) Levantamento do universo temático	Observar o ambiente a ser trabalhado e o objeto de estudo; compreender o que as/os alunas/os entendem sobre sexualidade, se existe interesse da parte delas/es em falar sobre este assunto num programa de rádio dentro da escola e investigar como os temas de sexualidade são tratados na sala de aula
(3) Intervenção educativa	Apresentação dos temas transversais, aplicação de dinâmicas e a observação das/os participantes

Fonte: Branco (2016).

Para o levantamento do universo temático (2) foram feitas entrevistas e a aplicação de um questionário com 10 alunas/os do Grêmio Escolar (BRANCO, 2016). Como parte dos resultados, quando questionadas/os se queriam discutir sobre sexualidade na escola, 9 alunas/os responderam que sim e apenas 1 “achou vergonhoso”. A pesquisa também incluiu a apresentação de temas transversais, dinâmicas e a observação das/os participantes. Para isto, aconteceu uma aula/oficina, que foi composta de uma aula expositiva sobre o que é sexualidade, um bate papo sobre temas transversais (onde foram tiradas dúvidas das/os alunas/os) e a apresentação da sexualidade na visão delas/es (BRANCO, 2016).

Branco (2016) identificou que as abordagens sobre sexualidade causaram um incômodo social entre as/os docentes e a intervenção foi interrompida nas etapas finais. A autora comenta que aconteceu uma “castração”. O termo castração está correlacionado a ruptura, a um corte brusco que aconteceu durante o processo de intervenção. A justificativa dada pela coordenadora da escola para a referida castração foi que todo o processo estava incentivando o ato sexual. Além disso, foi dito que a interrupção aconteceu para não criar conflito entre alunas/os e famílias, já que parte das/os alunas/os é evangélica/o. Isto reforça a religião como instituição reguladora e o estigma diante do sujeito como detentor de um corpo discursivo (BRANCO, 2016).

3.2.1.4 Projeto

Bueno (2018) teve o objetivo de conhecer como ocorreu a institucionalização da educação sexual em uma escola da rede privada de ensino no interior de São Paulo a partir da trajetória histórica do Projeto *Papo Jovem*, desenvolvido por ela. O *Papo Jovem* oferece semanalmente às/aos alunas/os um espaço de aprendizado e discussão que aborda as diversas dimensões da sexualidade humana dentro de um contexto lúdico, pedagógico e emancipatório (BUENO, 2018). O projeto está inserido na grade curricular e no Projeto Político Pedagógico do Colégio e é voltado

para alunas/os desde o 5º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio (com idades entre 9 e 17 anos). Os temas desenvolvidos no projeto são: puberdade, amor, relacionamentos, violência sexual, gênero, diversidade sexual, gravidez e aborto. Diante das descrições das atividades relatadas pela autora de 2010 até 2017, é possível perceber que trabalhar com a educação sexual exige dedicação, criatividade, respeito, cautela, perseverança e profissionalismo (BUENO, 2018).

3.2.2 Livros

A categoria *livros* refere-se a dissertações que realizaram análise de livros e fizeram alguma proposta de discussões ou reflexões sobre esses livros com as/os alunas/os como ferramenta para o trabalho de educação sexual, para facilitar o diálogo e promover momentos e espaços de informação e discussão sobre o tema.

Caroline Meyer (2017) teve como objetivo apresentar a trajetória e fundamentação teórica da criação de um recurso educativo para a promoção do diálogo com crianças de 3 a 8 anos, como estratégia de enfrentamento da violência sexual, sendo ele o livro *O que é privacidade?* Este trabalho descreve detalhadamente o caminho percorrido para a elaboração da obra, bem como fundamenta as escolhas tomadas, elencando os passos que englobaram a construção do texto, a elaboração de personagens principais e secundários, a indicação da faixa etária, o desenvolvimento das cenas ilustradas e os objetivos do conteúdo do livro. Por fim, a dissertação também sintetiza o estudo da educação sexual e suas contribuições no enfrentamento da violência sexual contra crianças. O livro *O que é privacidade?* se propõe a ser uma ferramenta de enfrentamento da violência sexual, ao facilitar o diálogo e promover momentos e espaços de informação, atenção e discussão, além de empoderar a criança para que identifique situações de perigo e possa recorrer a adultos de confiança de seu núcleo de convivência (MEYER, 2017).

Svizzero (2018) analisou discursivamente a obra literária *Iracema*, de José de Alencar, identificando a presença de aspectos relativos à sexualidade, ao erotismo e à identidade feminina, para que sirvam de subsídio para o trabalho com a educação sexual dentro do ensino médio e

técnico. Para este estudo foi aplicado e analisado um questionário, com o objetivo de verificar se na leitura da obra as/os alunas/os conseguiam ressignificar os temas que foram propostos para a análise do romance. Como resultado da pesquisa foi proposto uma sugestão de trabalho entre o romance *Iracema* e conteúdo para a educação sexual no âmbito escolar. Neste estudo a autora conclui que as novas ciências da linguagem possibilitam, com suas novas ferramentas de análise, ampliar a discussão sobre a realidade histórica e cultural contemporânea por meio de novos formatos de leitura, sem declinar das obras canônicas (SVIZZERO, 2018).

3.2.3 Jogos

Na categoria *jogos* o objetivo foi analisar os jogos propostos para a educação sexual e também foram sugeridas melhorias e abordagens referentes à aplicação dos mesmos junto às/aos alunas/os para uma educação emancipatória e prazerosa.

Rocha (2015) descreveu e analisou um jogo chamado *Em seu lugar – Um jogo para profissionais que trabalham com adolescentes e jovens*, que foi distribuído em 2013 pelo governo estadual nas escolas públicas de São Paulo e tem a educação sexual como preocupação central. O público-alvo recomendado pelo guia do facilitador do referido jogo são adolescentes e jovens a partir dos 12 anos de idade, mas também se destina a profissionais das áreas da educação e da saúde ou educadores de adolescentes e jovens. Na discussão dos resultados a autora comenta a vantagem do caráter informativo do jogo, embora sua aplicação exija cautela, uma vez que predominam aspectos negativos da sexualidade, enfatizando o caráter biomédico, sexista e heteronormativo, ocultando as possibilidades da vivência de uma sexualidade emancipatória e prazerosa. A autora ressalta a possibilidade de adequação deste material didático e sugere que melhor seria fornecer subsídios à formação dos profissionais para que sejam mediadores do jogo a fim de que as narrativas possam ser refletidas e problematizadas criticamente (ROCHA, 2015).

Fabrcio Meyer (2017) teve em seu estudo o objetivo de avaliar se o jogo *Trilha da Proteoção* pode ser considerado um objeto de aprendizagem para crianas no ensino fundamental (entre 6 e 12 anos) na temtica da violncia sexual contra a infncia de acordo com a metodologia *Learning Object Review Instrument 1.5* (LORI 1.5). O sistema de avaliao LORI 1.5 foi desenvolvido para que pesquisadores avaliem e classifiquem, em uma escala de 01 a 05, os 9 itens, j pr-estabelecidos, para a elaborao de um objeto de aprendizagem. Isto permite uma avaliao mais objetiva para situaes ou conceitos subjetivos. Alm disto, o autor tambm pretendeu no objetivo detectar e descrever se h possibilidade de melhorias para o referido jogo, do ponto de vista de um objeto de aprendizagem (MEYER, 2017).

O jogo *Trilha da Proteoção* segue o modelo de um jogo de tabuleiro comum, no qual os jogadores seguem uma trilha de casas com smbolos. Este jogo r um material vinculado ao Instituto Centro de Orientao em Educao e Saude (CORES) e pode ser acessado gratuitamente atravs do seu site. O resultado foi considerado muito satisfatrio, podendo classific-lo como objeto de aprendizagem. Foram descritos os pontos falhos ou informaes/caractersticas que, se adicionadas, melhoram a qualidade do jogo (MEYER, 2017).

3.2.4 Recursos didticos confeccionados

Na categoria *recursos didticos confeccionados* esto os estudos que, no decorrer da pesquisa, confeccionaram materiais didticos para trabalhar com alunas/os o tema educao sexual.

Moreira (2015) utilizou ludicidade como estratgia educativa com 27 alunas/os do 1º ano do ensino fundamental (6 e 7 anos) de uma escola pblica e estadual de perodo integral, em um bairro perifrico do interior do estado de So Paulo. A autora tambm buscou compreender a sexualidade infantil nas relaes de gnero. Alm das atividades ldicas, o estudo incluiu entrevista com a professora destas/es alunas/os e foi aplicado um questionrio para 22 familiares destas/es alunas/os. Os dados obtidos foram analisados qualitativamente. Para este estudo foram confeccionados um livro *Tom e Mel* e um jogo *Charadinhas sobre o Corpo Humano*. Tambm foi desenvolvida uma atividade intitulada como

Caixa de Curiosidades (MOREIRA, 2015). Os objetivos de cada uma das 3 atividades desenvolvidas com as/os alunas/os estão resumidos na Tabela 8.

Tabela 8. Objetivos das atividades confeccionadas e desenvolvidas por Moreira (2015) com alunas/os entre 06 e 07 anos, para trabalhar educação sexual

Nome da atividade	Objetivo da atividade
1. Tom e Mel (Livro)	Refletir sobre como as/os alunas/os constroem as identidades e os papéis de gênero nas relações sociais
2. Caixa de Curiosidades	Refletir sobre os brinquedos, seu uso, e classificá-los de acordo com a opinião das/os alunas/os. Brinquedos escolhidos: bicicleta, bola, boneca, boneco, corda, carrinho de bebê, carro, conjunto de painéis, espada, ferro de passar roupa, guitarra, pião, regador de plantas, skate e vassoura
3. Charadinhas sobre o Corpo Humano	Recreação somada a conteúdos informativos considerados importantes para o desenvolvimento humano e as partes do corpo. Por exemplo: refletir sobre questões de higiene pessoal bem como trabalhar as diferenças e as semelhanças entre o masculino e o feminino

Fonte: Moreira (2015).

Moreira (2015) comenta que o livro estimulou as/os alunas/os a conversarem sobre questões relacionadas à exclusão social, preconceito, respeito às diferenças de gênero e tomadas de atitude sem pensar na consequência, e que as intervenções realizadas promoveram reflexões das diferenças e das semelhanças entre os gêneros masculino e feminino. A autora discorre sobre o quanto as/os alunas/os se sentem bem e motivadas

para o aprendizado através do intermédio das atividades lúdicas e conclui que a ludicidade é essencial no exercício de práticas educativas para o desenvolvimento da formação das/os estudantes. Os assuntos gênero, educação sexual e sexualidade são importantes e necessários a serem trabalhados em sala de aula, principalmente pelo fato de a escola ser um local privilegiado no processo de mediação das informações, porém é necessário também que os familiares conversem com as/os filhas/os a este respeito de forma consciente, sem explicações fantasiosas, para uma melhor apropriação do conhecimento específico (MOREIRA, 2015).

Rodrigues (2018), objetivou elaborar uma proposta pedagógica de material lúdico para o desenvolvimento de ações educativas para a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental sobre os arranjos familiares. A autora elaborou e confeccionou 3 atividades lúdicas (Tabela 9) e concluiu que é emergencial a somatória do estudo teórico por partes dos educadores sobre a família e suas diferentes constituições, os processos formativos na infância e o uso da ludicidade como potencializador na mediação da apropriação dos conhecimentos sociais e culturais da sociedade pelas crianças com o estudo da elaboração de materiais pedagógicos como estratégia de aprendizagem para a formação para a diversidade de arranjos familiares (RODRIGUES, 2018).

Tabela 9. Proposta de utilização de 3 materiais didáticos para o ensino da educação sexual que foram confeccionados por Rodrigues (2018) para alunas/os da educação infantil e também para os primeiros anos do ensino fundamental

Atividade	Materiais confeccionados	Proposta de utilização
Dedoches e Bonecos	Dedoches de 3 x 5 cm com características masculinas confeccionados em tecido; Dedoches de 3 x 5 cm com características femininas confeccionados em tecido; Dedoches de 3 x 5 cm com características infantis confeccionados em tecido;	Apresentar os dedoches e bonecos em feltro e distribuí-los às/aos alunas/os, pedindo que cada uma/um escolha os membros de sua família. O/A professor/a pode aproveitar o momento para abordar temas como imagem corporal, preconceitos e autoestima e algumas diferenças entre homens e mulheres. Podem ser adotados ao longo de todo o trabalho e utilizados juntamente com os outros materiais como um

	Bonecos com corpo e características diversificadas confeccionados em feltro	personagem através do qual o/a professor/a pode abordar os diferentes temas propostos e as/os alunas/os podem expor suas dúvidas sem constrangimentos
Avental	Confeccionado em feltro com várias casinhas	Esse avental deverá ser utilizado pelo/a educador/a que fará as apresentações do avental "Vila das Famílias". O objetivo é trabalhar com as crianças sobre as novas formações familiares existentes na atualidade. Feita a primeira exposição, é sugerido que o professor comente sobre as pessoas e que elas diferem em vários aspectos, mostrando que cada pessoa tem um jeito e um corpo diferente e que todos os corpos são especiais e têm beleza. Pode, ainda, apontar algumas diferenças e semelhanças entre homens e mulheres.
Tapete	Um tapete retangular com 8 casinhas ao redor dele	As crianças poderão sentar-se em volta do tapete e, com o auxílio dos dedoches, cada uma poderá contar como sua família é formada escolhendo os dedoches que mais exemplificam a sua família O objetivo desse material é demonstrar a definição da unidade familiar, fundado por laços de afeto, construídos pela convivência das relações humanas, e não por raízes genéticas, e legitimar a construção da família pelo vínculo afetivo das relações humanas, demonstrando a pertinência desta pesquisa

Amorim (2018) teve como objetivo geral elaborar um jogo para ser utilizado ao se trabalhar o respeito à diversidade sexual e de gênero junto a alunas/os e equipes educativas. O jogo proposto tem como tema a problematização da heteronormatividade na escola. Também possuiu os objetivos de veicular informações sobre gênero (identidades, estereótipo e expressão) e orientação do desejo e práticas sexuais; orientar a respeito de Direitos Sociais das pessoas que compõem o grupo LGBT; problematizar preconceitos e processos de discriminação que trazem como mote a orientação do desejo e o gênero; discutir as dificuldades e problemas enfrentados pelas pessoas que rompem com a heteronormatividade e favorecer a empatia com o diferente (AMORIM, 2018). O público-alvo, especificamente, foram professoras/es e alunas/os do 8º e 9º ano do ensino fundamental e do ensino médio como jogo cooperativo e competitivo e professoras/es e alunas/os do 6º e 7º ano como estratégia de entendimento sobre diversidade de gênero. De modo geral, a proposta de jogo consiste em dividir a sala de aula em grupos de quatro ou cinco jogadores. Os jogadores, dentro de cada um dos grupos, deverão cooperar entre si para resolver os eventos e conseguir pontos de vitória. Porém, os grupos competirão entre si para saber qual conseguirá mais pontos de vitória ao final do jogo (AMORIM, 2018). A autora conclui que a integração de projetos que visem à sensibilização para o respeito às diversidades se torna indispensável e essencial para a garantia de espaços escolares de fato democráticos. Assim, é inadiável a composição de propostas pedagógicas, currículos e práticas educativas que propiciem o bem-estar e integridade de todos os estudantes, respeitados em suas diversidades e integrados em uma comunidade (AMORIM, 2018).

Kruger (2018) em seu estudo levantou dados sobre os conhecimentos e as ações adotadas por educadores sobre o tema sexualidade, com atenção às/aos alunas/os do primeiro ano do ensino fundamental que possuem algum tipo de deficiência intelectual de uma escola pública no interior de São Paulo. Além disso, foi proposto um material didático-pedagógico: uma apostila e um jogo didático intitulado *ME CONHECENDO*. Para pensar no material didático, a pesquisadora elaborou algumas atividades (Tabela 10) para compreender melhor o conhecimento e a capacidade cognitiva das crianças e posteriormente pudesse elaborar o jogo. Para estas atividades foram realizados 7 encontros, com duração de 50 minutos cada, com as quatro salas de primeiro ano, individualmente (KRUGER, 2018).

Tabela 10. Atividades realizadas por Kruger (2018) para posteriormente realizar uma proposta de um recurso didático para alunas/os do primeiro ano do ensino fundamental que possuem algum tipo de deficiência intelectual

Encontro	Objetivos	Atividades
1	Mostrar a singularidade de cada um	Distribuiu uma folha de papel, na qual as crianças tinham que pegar uma letra em EVA correspondente a primeira letra do seu nome. O restante do nome elas teriam que escrever. Durante a atividade foi questionado sobre a família, com quem eles moravam, quem escolheu seu nome, se tinham algum bicho de estimação
2	Verificar com eles a diferença de gênero	Tratou das datas importantes, conversou sobre suas respectivas datas de nascimento e idades e, posteriormente, tratou do motivo pelo qual existem as datas comemorativas. Foi perguntado sobre o dia da mulher, quem era melhor, a mulher ou o homem, o rico ou o pobre, o médico ou o faxineiro, perguntas para ver como eram as reações deles perante as diferenças.
3	Tratar sobre direitos e deveres	Foram levadas algumas folhas com dizeres e imagens de direitos e deveres, as crianças deveriam apontar se era um direito ou dever. Posteriormente, houve a discussão sobre o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente).
4	Saber se conheciam as partes do corpo e falar das partes íntimas/privadas, a	Falou-se sobre o corpo e foi colocado na lousa duas cartolinas com imagens de um menino e outra com a figura de uma menina nua

	qual ninguém pode tocá-las ou mostrá-las.	
5	Conversar sobre as emoções e os sentimentos	Foi falado sobre a naturalidade de algumas emoções e como outras são difíceis até de dar nomes, foi esclarecido que todas as emoções são normais e saudáveis, e que algumas emoções devemos aprender a entendê-las para poder controlá-las. Nesse dia fez-se com eles o dominó das emoções, com peças de madeira com o total de sete emoções
6	Debater o filme	Assistiram ao filme <i>Divertidamente</i>
7	Continuação do encontro 6	Assistiram ao filme <i>Divertidamente</i>

Fonte: Silva (2021).

O jogo *ME CONHECENDO* é um jogo criado para trabalhar em escolas (ou em outros ambientes como ONG, associações, etc.) com as crianças de todas as idades, pois permite selecionar as cartas conforme a faixa etária e as demandas específicas de cada local (KRUGER, 2018). É um jogo totalmente inclusivo, pelo fato de que todas as crianças podem jogá-lo, suas regras e formato foram elaborados principalmente para que crianças com deficiência intelectual possam participar. É um jogo com um tapete para todos sentarem-se próximas, onde elas podem expressar livremente suas ideias e sentimentos sobre diversos assuntos. O papel da/o mediadora/mediador será o de estimular a fala, organizar a ordem e nunca reprimir. O objetivo do jogo é dar espaço às crianças para poder conversar e/ou se expressar sobre questões do dia a dia. Após a aplicação do jogo em 04 grupos desta escola, a pesquisadora concluiu que o jogo é um material didático concreto e palpável, com linguagem acessível e interessante, para que crianças e jovens com deficiência intelectual conseguissem compreender, expressar-se e dialogar livremente sobre os temas propostos, incluindo a sexualidade (KRUGER, 2018).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo identificar nas dissertações desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual na UNESP de Araraquara as possibilidades de estratégias e ações de intervenção para a implementação da educação sexual nos ambientes escolares brasileiros.

Entre as práticas pedagógicas mais utilizadas para realizar a discussão sobre o tema sexualidade estão atividades que envolvem diálogos e interação entre as/os estudantes. Em quatro trabalhos são propostos algum tipo de intervenção para alunas/os que possuem algum tipo de deficiência intelectual. É importante dar voz aos deficientes sobre a temática da sexualidade. Ainda existe uma negação da sexualidade de pessoas com deficiência, pois alguns acreditam que as/os deficientes são assexuadas/os (MAIA, 2006 *apud* PALIARIN, 2015). No entanto, segundo Maia e Ribeiro (2009 *apud* PALIARIN, 2015) como qualquer outra/o aluna/o, estas pessoas precisam receber informações sobre sexualidade na escola para viverem sua sexualidade de forma bem esclarecida.

Neste sentido, reforça-se que a limitação cognitiva, quando leve ou moderada, não impede a participação em programas de educação sexual, pois a sexualidade é dimensão presente durante todo desenvolvimento humano, independentemente da condição cognitiva que a pessoa apresenta (SINHORELLI, 2020).

Tanto as oficinas quanto a análise da aplicação do jogo (que foram intervenções realizadas com alunas/os deficientes) auxiliam para a diminuição do mito de que a/o deficiente intelectual é assexuada/o. As atividades tiveram um *feedback* positivo, no sentido de que as/os alunas/os com deficiência intelectual conseguiram compreender, expressar e dialogar livremente sobre sexualidade com a aplicação do jogo (KRUGER, 2018) e as oficinas oportunizaram a experiência de vivenciar um processo de autodescoberta com uma aprendizagem compartilhada, por meio de atividades grupais, em que se podem reconstruir individual e coletivamente comportamentos, identidades e valores (PALIARIN, 2015).

Ainda sobre atividades que envolvem diálogos e interação entre as/os estudantes, as rodas de conversa conduzidas com alunas/os entre 11 e 15 anos se mostram promissoras como método para desenvolver a educação sexual nas escolas. As atividades foram um espaço que promoveram diálogos, debates, troca de informações e aquisição de novos conhecimentos acerca da temática sexualidade (BERTOLINI, 2015). O *Projeto Papo Jovem* trabalhou com alunas/os do 5º ano do ensino fundamental I até o 3º ano do ensino médio e também promoveu debates e diálogos. Foi observado que o referido projeto contribuiu para o empoderamento sexual entre as/os adolescentes, permitindo que se sentissem mais seguros sobre suas atitudes, decisões e questionamentos perante visões contrárias aos direitos das mulheres e adolescentes e violência (BUENO, 2018).

Promover a interação da/o aluna/o nas aulas relacionadas a educação sexual é fundamental. Fazer-lhes perguntas e ouvir suas dúvidas e opiniões acerca do tema faz com que elas/es se envolvam com o conteúdo a ser tratado. Fomentar o debate entre as/os estudantes também é uma excelente estratégia para que possam ouvir diferentes posicionamentos, e assim formarem suas próprias opiniões (FIGUEIRÓ, 2006).

Portanto, para inserir a educação sexual dentro do planejamento escolar é preciso que a/o educadora/educador crie oportunidades para que as/os estudantes expressem seus sentimentos, dúvidas e angústias com relação ao tema (FIGUEIRÓ, 2006). De acordo com Figueiró (2006), a partir da perspectiva de que professoras/es são mediadoras/es e não detentoras/es do conhecimento, é necessário criar espaços de fala para as/os estudantes, promovendo assim sua participação no processo de ensino e aprendizagem. A sala de aula deve funcionar como um espaço de troca de conhecimento e quando as/os alunas/os sentem que não são sujeitos passivos no processo de educação, elas/es se interessam mais pelos temas propostos (FIGUEIRÓ, 2006).

Neste sentido, ressalta-se também a importância do preparo de educadoras/es para a aplicação de atividades relacionadas à educação sexual. Algumas dissertações que analisaram a aplicação de jogos para a discussão com alunas/os sobre sexualidade descrevem pontos falhos ou sugerem informações adicionais para uma melhor discussão do tema e ressaltam o cuidado na aplicação destes jogos, no sentido de não enfatizar

o caráter biomédico, sexista e heteronormativo que ainda estão persistentes quando falamos de educação sexual (ROCHA, 2015; MEYER, F. 2017).

Ainda é presente no âmbito escolar um certo incômodo quando o assunto é educação sexual. Os documentos referentes aos PCN trazem uma concepção educativa e reflexiva sobre a orientação sexual, mas ainda prevalece nas escolas um modelo de educação que reduz a sexualidade à sinônimo de sexo (BRASIL, 1997a, 1997b, MAIA, 2004). Branco (2016) se deparou com este entrave quando propôs a implantação de um programa de rádio feito pelas/os próprias/os alunas/os com idade entre 12 e 17 anos, com a supervisão dela. De 10 alunas/os questionados se queriam discutir sobre sexualidade na escola, 9 alunas/os responderam que sim. No entanto, as abordagens sobre sexualidade causaram um incômodo social entre as/os docentes, que interromperam a pesquisa nas etapas finais, pois para as/os professoras/es, todo o processo estava incentivando o ato sexual. Além disso, para interromper o trabalho de Branco foi utilizado o argumento de que parte das/os estudantes era evangélica.

É importante esclarecer que toda/o educadora/educador, tendo consciência ou não, acaba por educar sexualmente estudantes. A postura da/o professora/professor ao lidar com situações do dia a dia contribui para que a criança ou adolescente construa uma concepção positiva ou negativa sobre a sexualidade. O silêncio diante do tema também é uma maneira de educar, ele reproduz a ideia de que a sexualidade é algo imoral do qual não se pode falar a respeito. É necessário desconstruir essa ideia, quebrar tabus que envolvem a sexualidade e buscar promover a formação integral das/dos alunas/os (FIGUEIRÓ, 2006).

No decorrer do século XX, as instituições escolares brasileiras sofreram constantes transformações. Ao observar a trajetória da educação sexual no Brasil, podemos constatar que houve a tentativa de implementá-la nas escolas em diferentes contextos. Em suas raízes, ela era baseada no moralismo difundido pela Igreja Católica, com a finalidade de preservar a família e os ‘bons costumes’ e, posteriormente, foi fundamentada na visão médico-higienista, com foco no aspecto biológico (voltada para a prevenção de doenças e gravidez indesejada). Em decorrência destes processos, surgiu o modelo emancipatório de educação sexual, que busca uma educação voltada para a emancipação (MAIA, 2004).

Essa perspectiva de se trabalhar a educação sexual buscando a emancipação do ser humano leva em consideração a importância da instituição escolar, assim como as limitações e contradições de suas práticas educativas. Estes modelos sugerem que a sexualidade seja abordada nas escolas visando a formação integral do ser humano, em seus aspectos biológicos, éticos, estéticos, históricos, psicológicos e sociais. Educar para a emancipação significa buscar a libertação humana e a transformação social (MAIA, 2004).

A escola tem por objetivo não somente trazer informações às/aos estudantes, mas proporcionar que elas/eles construam seu conhecimento, construindo-se como cidadã/os. O que se espera das instituições escolares é que elas possam contribuir para que suas/seus alunas/os tenham uma formação integral. Nesse sentido, a intenção de se trabalhar a educação sexual nas escolas é oportunizar uma experiência que vá além da troca de informações, buscando a emancipação de cada estudante.

Então, promover uma educação sexual intencional e sistematizada que vá além da genitalização da sexualidade, dando ênfase a suas dimensões históricas e psicossociais, é fundamental (MAIA, 2004). As reflexões sobre sexualidade, provindas de fonte segura, com profissionais preparadas/os, contribui para que adolescentes transitem pelo período da adolescência com mais segurança, tranquilidade e serenidade.

Apesar dos avanços e reflexões importantes que foram relatadas nas pesquisas acima, ainda existe muito a ser superado quando pensamos na prática da educação sexual em sala de aula. A educação sexual é ampla e, também, é uma questão de cidadania e de direitos humanos. A literatura e as pesquisas sinalizam a importância da educação sexual nas escolas, no entanto, a prática da educação sexual ainda parece escassa nestes ambientes. Reafirma-se aqui a necessidade da realização de trabalhos de educação sexual em sala de aula nas escolas brasileiras.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, S. M. G. **Escola e transfobia: vivências de pessoas transexuais**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Campus de Araraquara-SP, 2018.
- BARBOSA L. U.; VIÇOSA C. S. C. L.; FOLMER V. A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 10, p. e772, 8 jul. 2019.
- BERTOLINI, D. B. **Sexualidade e adolescência: rodas de conversa e vivências em uma escola de ensino fundamental**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Campus de Araraquara-SP, 2015.
- BRANCO, A. S. C. **Educação sexual e comunicação: o rádio como alternativa pedagógica nas escolas a partir de uma intervenção**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Campus de Araraquara-SP, 2016.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997a.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual**. Secretaria de Educação Fundamental. p. 71-103, 1997b.
- BUENO, R. C. P. **A história da criação do papo jovem: um projeto de educação sexual integrado ao currículo de uma escola de ensino fundamental e médio**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Campus de Araraquara-SP, 2018.
- CÉSAR, M. R. A. **Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”**. Educar, Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: como ensinar no espaço da escola**. Revista Linhas, Florianópolis, v. 7, n.1,p. 1-21 2006.
- FURLANETTO, M. F.; LAUERMANN, F.; COSTA, C. B. da; MARIN, A. H. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, n. 168, p. 550-571. <https://doi.org/10.1590/198053145084>, 2018

- KRÜGER, K. E. **Sexualidade e deficiência intelectual**: uma proposta de criação de material didático-pedagógico para intervenção escolar no município de Araraquara-São Paulo-Brasil. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Campus de Araraquara-SP, 2018.
- MAIA, A. C. B. Orientação Sexual na Escola. In: RIBEIRO, P. R. M. **Sexualidade e Educação**: aproximações necessárias. São Paulo: Arte e Ciência Editora, 2004, p.153-179.
- MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. EDUCAÇÃO SEXUAL: PRINCÍPIOS PARA AÇÃO. **Doxa**, v.15, n.1, p.75-84, 2011
- MEYER, C. A. **Livro 'O que é privacidade?'**: uma ferramenta de prevenção da violência sexual para crianças. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Campus de Araraquara-SP, 2017a.
- MEYER, F. **Análise do jogo 'trilha da proteção' como auxiliar na diminuição da vulnerabilidade para a violência sexual infantil**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Campus de Araraquara-SP, 2017.
- MOREIRA, D. A. F. **Compreendendo a sexualidade infantil nas relações de gênero**: o lúdico como estratégia educativa. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Campus de Araraquara-SP, 2015.
- PALIARIN, F. **Sexualidade e deficiências**: dando vozes aos adolescentes por meio de oficinas pedagógicas. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Campus de Araraquara-SP, 2015.
- PETRENAS, R. De. C. **O estado da arte sobre as temáticas sexualidade, educação sexual e gênero nos encontros nacionais de didática e prática de ensino - ENDIPE (1996-2012)**. Tese (Doutorado em Educação Escolar) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2015.
- REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. A Orientação Sexual na Escola e os Parâmetros Curriculares Nacionais. In: RIBEIRO, P. R. M. **Sexualidade e Educação Sexual**: apontamentos para uma reflexão. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001, p.81-95.
- RIBEIRO, P. R. M.; MONTEIRO, S. A. de S. Avanços e retrocessos da educação sexual no Brasil: apontamentos a partir da eleição presidencial de 2018. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. esp.2, p. 1254–1264, 2019. DOI: 10.21723/riaee.v14iesp.2.12701.

- ROCHA, A. K. L. **O jogo pedagógico como instrumento para a educação sexual de facilitadores e estudantes jovens: análise do material "Em seu lugar"**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Campus de Araraquara-SP, 2015.
- RODRIGUES, S. R. de O. **Estratégia lúdica para a aprendizagem da diversidade de arranjos familiares na infância**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Campus de Araraquara-SP, 2018.
- SALLA, L. C. **Um estudo de teses e dissertações sobre educação sexual da pessoa com surdez**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Campus de Araraquara-SP, 2020.
- SCHIAVON, D. M. N. **“Não deficiencie minha sexualidade”**: repensando a sexualidade de pessoas com deficiência intelectual por meio de oficinas pedagógicas. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Campus de Araraquara-SP, 2018.
- SILVA, H. A.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de Conteúdo: Exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**, Campina Grande, v. 17, n. 1, p. 1-14, 2015.
- SFAIR, S. C.; BITTAR, M.; LOPES, R. E. Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 620-632, Junho 2015
- SINHORELLI, M. **Oficinas pedagógicas: um instrumento de expressão da sexualidade de jovens com Síndrome de Down**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Campus de Araraquara-SP, 2020.
- SVIZZERO, N. E. **Sexualidade e identidade feminina em “Iracema” de José de Alencar: da literatura romântica de vestibular à visão crítica dos vestibulandos**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Campus de Araraquara-SP, 2018.
- VIEIRA, P. M.; MATSUKURA, T. S. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Revista Brasileira de Educação** v. 22 n. 69 abr.-jun. 2017